

O URSO E OS DOIS COMPANHEIROS

Dois companheiros, precisando de dinheiro,
Ao vizinho peleteiro, venderam
A pele de um urso ainda vivo,
Mas que logo o matariam,
Ao menos assim diziam.
Era o rei dos ursos, na opinião de todos.
O mercador fazia fortuna com a pele;
Ela protegeria contra o frio mais penoso.
Com ela fazia não um, mas dois casacos.
Para o peleteiro menos valia uma pele
De carneiro do que a do urso,
A que comprara, e não a que ainda
Estava com a besta.
Prometendo entregá-la no mais tardar
Em dois dias, acertaram o preço;
E puseram-se em marcha.
Encontraram o urso que avançou sobre eles,
Abatendo-os como se fora um raio.
Com a mercadoria não mais disponível,
Cabia resolver como evitar
Os danos de o urso enfrentar;
E não se fala mais nisto.
Um deles subiu no topo de uma árvore,
O outro, mais gelado que um mármore,
Prostrou-se de bruços, fingindo-se de morto,
Prendendo a respiração.

Havia escutado alhures,
Que um urso não ataca
Um corpo que não vive, não mexe, nem respira.
O senhor urso, como um tolo, caiu no truque.
Viu o corpo inerte e acreditou-o sem vida.
Mas, temendo um engodo,
Virou-o e revirou-o, aproximando seu focinho
Para farejar-lhe a respiração.
- *É, disse ele, um cadáver.*
Vou-me embora, pois já fede.
Com estas palavras se foi o urso
Para a floresta próxima.
Um dos caçadores desceu da árvore
Juntou-se ao companheiro e disse
Quão maravilhoso fora ele
Não ter demonstrado o menor medo
De se dar mal.
- E agora - ajuntou - a pele do animal?
Mas, o que dissera a fera ao pé de seu ouvido,
Pois tão perto se aproximara,
Ao remexê-lo com as garras?
- *Ele me disse que não se deve jamais,*
Vender a pele de um urso antes de tê-lo abatido.

**Fables de La Fontaine, XX, Livre V.
Alfred Mame editeurs. Tours. France. 1906**